

Assunto:

GUERRILHA DA MEMÓRIA

Curta metragem dirigido por Dácia Ibiapina, cineasta e professora da UnB, recupera a narrativa da insurreição armada da esquerda na região do Araguaia

LUNDE BRAGHINI

Um curta metragem de 35 mm dá corpo e voz à narrativa oral da Guerrilha do Araguaia. *Palestina do Norte - o Araguaia passa por aqui*, dirigido por Dácia Ibiapina da Silva, cineasta e professora da Universidade de Brasília, valoriza depoimentos de pessoas comuns que foram testemunhas involuntárias de um dos conflitos ainda propositadamente obscuros da história recente do Brasil. Ao mesmo tempo, o filme joga luz sobre conflitos atuais de Palestina do Norte, cidadezinha de nome bíblico que era vila do município de São Geraldo na época da Guerrilha do Araguaia. "Tudo continua igual", disse o deputado petista José Genoíno, ao ver as fotografias da região em mãos de Dácia. ~~Genoíno~~ foi um dos primeiros guerrilheiros presos no Araguaia no início das ações do Exército em 72.

"Palestina só é Brasil porque tem televisão", resume Dácia, cujo curta é uma apreensão de parte da história do Brasil incrustrada e reconstruída na memória e na figura de Donília, uma senhora de 68 anos, líder do movimento Babaçu Livre, das quebradeiras de côco da região. A cineasta tomou conhecimento da existência de Donília por meio da pesquisadora Célia Maracajá, em 95, em congresso sobre *O Imaginário Nas Narrativas Oraís Populares Da Amazônia Paraense*, realizado na Universidade Federal do Pará. O grande interesse despertado pelos relatos sobre Donília motivou uma pesquisa inicial que culminou nessa rememoração sobre a Guerrilha do Araguaia. Após uma hora de voo entre Belém e Marabá, e outras quatro de ônibus, para vencer os 100km da Transamazônica que a levariam a Palestina do Norte, Dácia conheceu D. Petronília, o nome verdadeiro de Donília. Além de lhe contar muita coisa, Donília lhe serviu de "fiadora" para poder conversar com outros moradores locais, em boa parte ainda ressabiados e até traumatizados com o assunto.

Desengano- Desconfiados, poucos como Donília se dispõem a falar do passado, que explode como que em diversos flashes durante a fala da líder do movimento pelo Babaçu Livre, que é sempre pontuada por referências à sua vida e a seu cotidiano. Parte da desconfiança tem a ver com "a dupla enganação que eles viveram", explica Dácia. "Quando os guerrilheiros chegaram lá, não se apresentaram como pessoas que tinham um projeto político que além de tudo envolvia a luta armada". Com um trabalho de educação, saúde e alimentação, que de leve tocava na questão da terra e da exploração, os guerrilheiros entabularam muito boas relações com a população local. Logo em seguida, a atuação contra-guerrilheira do Exército passou a apresentá-los como pessoas "interessadas em tomar a pátria e entregá-la ao estrangeiro". O misto de repressão e assistência que caracterizou a atuação do

Exército em relação à população local está vivo na memória. Um símbolo do desengano em relação ao Governo é o mapa da "Nova Palestina", que no fim da guerrilha foi encerrado em uma garrafa e enterrado sob um marco inaugurado festivamente e hoje abandonado.

Varrida pela tempestade da história, a vida dos habitantes de Palestina se modificou ao extremo: depois das 18h00, não podiam sair às ruas; se precisavam sair de casa para fazer um carvão, tinham que avisar; aconselhados pelo exército, cavaram buracos dentro de casa para se deitar em hora de eventual tiroteio etc. Donília se recorda do dia em que dois helicópteros vieram à procura de um sapateiro a quem Osvaldão, um dos guerrilheiros mais famosos, teria encomendado um par de botas; do próprio Osvaldão indo "cortar uns porcos" para vender no mercado; do tiroteio numa noite em que ela e as filhas faziam xixi embaixo de pé de manga; da "onça preta", o carro fechado que transportava guerrilheiros ou moradores acusados de serem informantes; dos soldados pedindo às moradoras que rezassem por eles ao irem combater na floresta; ou de

"Amauri" e "Flávio", nomes frios dos guerrilheiros que montaram uma farmácia em frente à sua casa e lhe curaram de um "unheiro", uma inflamação no dedo. "O mérito de Donília é a coragem que tem para falar disso", destaca Dácia, que arrisca interpretações instigantes sobre a relação diferenciada de homens e mulheres em relação à memória da guerrilha.

"Um dado levantado na minha pesquisa é o do machismo: o medo do homem de assumir que passou por situações humilhantes", diz Dácia. A maioria dos homens lhe dizia, a propósito de fatos da guerrilha: "comigo nada aconteceu... mas com meu vizinho...". Segundo ela analisa, a opressão exercida sobre os homens da região foi muito mais corporal, ao passo que as mulheres não conheceram a tortura senão indiretamente, por meio do relato dos maridos. Por vezes as mulheres revelavam à Dácia o que os maridos sofreram; mas algumas foram proibidas por eles de dar depoimentos. Desinformada, a maior parte da população teme a volta daquele tempo de guerra. Além disso, "o falar do ontem pode ter represálias no hoje".

segundo Dácia. "Donília fala porque já passou para o outro lado". São depoimentos que "não devem ser tomados como a verdade", sublinha Dácia, "mas como visão de uma pessoa que já tem 68 anos".

Cinderela-O documentário explora a complexa relação entre oralidade e história, surpreendendo fusões inesperadas entre lenda e fato, que o tempo solidifica no imaginário de cada um. "A Dina e o Osvaldão foram mitificados pela população", segundo Dácia. Depoimentos de moradores dão conta de que Dinalva Teixeira, cuja alma teria ficado encantada no rio, era muito corajosa e sabia atirar muito bem. Ao ser presa, teria cuspidido no rosto do major Curió, que lhe teria perguntado o nome. "Você não sabe que guerrilheiro não tem nome, seu f.d.p.?", teria respondido Dina, desafiante, antes de ser morta. Além de seus cerca de dois metros de altura facilitarem associações com "gigantes", algumas histórias que o guerrilheiro negro Osvaldo Orlando da Costa - o Osvaldão - protagoniza nos relatos populares beiram o fantástico. Dácia se lembrou da fábula de Cindere-

la no episódio em que o sapateiro Honório teria entregado ao Exército a única bota pronta do par que lhe fora encomendado pelo procurado Osvaldão.

Para ilustrar a importância de recuperar essa memória popular, Dácia costuma assinalar a ausência que ela faz, por exemplo, na documentação referente a Canudos. Além de esbarrarem na ferida aberta que a própria guerrilha ainda representa, as dificuldades que a cineasta tem enfrentado são reveladoras de aspectos críticos da produção contemporânea de audiovisuais no Brasil, que pressupõe projetos autofinanciáveis e atraentes para a iniciativa privada. "Palestina do Norte é um tipo de produto audiovisual que não tem um apelo que permita captação junto à iniciativa privada", observa Dácia. Como em deslocamentos para a região das filmagens, a realização do curta metragem de 15 minutos foi viabilizada, até o momento, com o patrocínio do Ministério da Cultura e apoio da Secretaria da Cultura do DF e da Universidade de Brasília. O filme de Dácia foi um dos sete projetos brasileiros aprovados no 1º Concurso Nacional de Curtas Metragens do Ministério da Cultura.

A reconstituição da morte do mítico Osvaldão, seqüência de abertura do curta, ainda está com filmagem pendente, porque requeria um helicóptero, veículo de forte presença na memória da guerrilha. "Você quer saber mesmo como o Osvaldão morreu?", perguntou um oficial à Dácia, que lhe encaminhara o projeto do filme para solicitar um helicóptero UH1H, como o utilizado na época. Segundo ele, o guerrilheiro "mexeu" com a filha de um mateiro, que armou cilada para se vingar. Sem sucesso no pedido junto ao Exército, Dácia finalizará o filme com equipamento cedido pela Secretaria de Segurança do Distrito Federal, que inclui uniformes e um outro tipo de helicóptero. Premiada realizadora de filmes em 8 e 16mm *Palestina do Norte - o Araguaia passa por aqui* é a estréia de Dácia na bitola de 35 mm.